



VARIAÇÃO LEXICAL NO CAMPO SEMÂNTICO DA RELIGIÃO E DAS CRENÇAS NO SERTÃO DE ALAGOAS: UMA ABORDAGEM GEOLINGUÍSTICA

**LEXICAL VARIATION IN THE SEMANTIC FIELD OF RELIGION AND BELIEFS ACROSS THE SERTÃO OF ALAGOAS, BRAZIL:
A GEOLINGUISTIC APPROACH**

Maria Zilda de França

<https://orcid.org/0009-0002-6703-3096>

Cezar Alexandre Neri Santos

<https://orcid.org/0000-0002-1021-2459>

Resumo: Este artigo investiga a diversidade lexical no campo semântico de crenças e religiosidade no Alto Sertão Alagoano. Amparado nos referenciais teórico-metodológicos da Geolinguística e da Dialetologia contemporânea, como o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o estudo considera as respostas dadas ao Questionário Semântico-Lexical (QSL), aplicado a 24 sujeitos, estratificados por faixa etária, sexo, escolaridade e orientação religiosa. A pesquisa de campo ocorreu em cinco municípios representativos, e o corpus, composto por variantes lexicais, foi descrito e interpretado também quanto a dados de outros estudos dialetológicos e lexicográficos. Os resultados evidenciam a riqueza e os tabus da expressão lexical local e como fatores socioculturais, especialmente a religiosidade, influenciam escolhas linguísticas e contribuem para a compreensão de formações identitárias no sertão.

Palavras-chave: Geolinguística; Variação lexical; Religião; ALiB; Sertão Alagoano.

Abstract: This paper examines the lexical diversity within the semantic field of beliefs and religiosity in the Alto Sertão region of Alagoas, Brazil. Using the theoretical and methodological frameworks of Geolinguistics and the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB), the study analyzed responses from 24 participants, stratified by age group, gender, education level, and religious orientation. Field research was conducted in five representative municipalities, and the resulting lexical corpus was described and interpreted in relation to data from other geolinguistic and lexicographical studies. The results highlight the richness and taboos of local lexical expression and demonstrate how sociocultural factors, especially religiosity, influence linguistic choices and contribute to the understanding of identity formation.

Keywords: Geolinguistics; Lexical variation; Religion; ALiB; Sertao Alagoano.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Este artigo investiga a variação lexical à luz dos fundamentos teórico-metodológicos da Geolinguística contemporânea. A investigação está delimitada a itens lexicais referentes ao campo semântico *Crenças e Religiosidade* no português brasileiro contemporâneo numa rede de pontos que abrange cinco municípios do Sertão Alagoano, a saber: Delmiro Gouveia, Água Branca, Olho d'Água do Casado, Inhapi e Piranhas. Tais fundamentos auxiliaram na constituição e tratamento do corpus, produto da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), composto por oito perguntas.

Para alcançar tal objetivo, traçou-se um panorama dos estudos geolinguísticos no Brasil, com ênfase especial no estado de Alagoas. Em seguida, foram descritos os procedimentos metodológicos, incluindo a delimitação do lócus e dos sujeitos da pesquisa, o detalhamento das técnicas de coleta, bem como a apresentação e a interpretação dos dados. Estes se fundamentam em transcrições das falas dos participantes, na quantificação dos resultados e na análise de conteúdo baseada em dados dicionarizados, cotejados com corpora de natureza e objetivos semelhantes.

Com o intuito de compreender aspectos sócio-históricos relacionados à religiosidade e à espiritualidade no Sertão Nordestino, fenômenos também observados em nossa vivência empírica nesse território, a pesquisa de campo considerou a estratificação dos sujeitos a partir de variáveis sociais como sexo e orientação religiosa. Este estudo, portanto, produz dados inéditos, capazes de complementar o mapeamento desenvolvido pelo Projeto ALiB em suas diversas frentes: o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), o *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas* (ALEAL) e um conjunto de artigos, dissertações e teses voltados à compreensão geolinguística do campo “Crenças e Religiosidade”.

ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NO BRASIL E EM ALAGOAS

A análise da variação linguística e de práticas sociais pode ser compreendida por diversos campos e vieses. A Geolinguística sistematiza e ordena as formas linguísticas geograficamente, de modo a identificar diferenças regionais que circunscrevem fenômenos de variação considerados significativos (Sá, 2021), o que pode estar, de forma multidimensional, relacionada a aspectos diageracionais (etários), diassexuais/diagenéricos (sexo/gênero), diastráticos (socioeconômicos) e/ou diafásicos (contextuais), por exemplo.

O prenúncio dos estudos geolinguísticos se deu no final do século XVIII, com o cotejo dos dialetos brasileiro e lusitano, ao listar um rol de oito nomes que mudavam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil (Cardoso, 1999, p. 234). Ferreira e Cardoso (1994, p. 12 apud Ribeiro, 2012, p. 42) conceituam dialeto como “um subsistema inserido no sistema abstrato que é a própria língua”. Na década de 1920, o estudo do léxico do português do Brasil e a produção de dicionários, vocabulários e léxicos regionais, demarca o início dos estudos sistemáticos no país. Assim, estudos de caráter regional se juntam a pesquisas em áreas geográficas específicas sobre as contribuições africana e indígena, para enfatizar aspectos da realidade linguística brasileira (Cardoso, 1999). A partir da década de 1990, a tarefa de elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil foi encampada por pesquisadores da área de Letras e Linguística de diversas universidades públicas do país, constituindo-se um Comitê Nacional, então (Ribeiro, 2012).

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB) tem sido responsável pela elaboração, operacionalização e desenvolvimento de pesquisas dialetais no país, cujas diretrizes têm sido adotadas por dialetólogos e autores de atlas linguísticos

de escopo estadual (Projeto, 2025). Mota e Cardoso (2006) atestam ter havido mudanças de caráter metodológico com a sistematização do Projeto ALiB, como a inclusão de estudos voltados a áreas como fonética, fonologia e morfologia, agrupados às investigações em nível lexical. As autoras concluem que essa mudança “coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 1960, abandonando-se a visão monodimensional [...] que predominou na geolinguística hoje rotulada de tradicional” (Mota; Cardoso, 2006, p. 21). Os resultados obtidos no mapeamento do português brasileiro mostraram-se particularmente profícua com a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*, em 2014, e têm se expandido continuamente desde então.

Para uma descrição da realidade linguística em Alagoas, destacam-se obras de diferentes períodos e orientações teóricas. Mário Marroquim, em *A Língua do Nordeste* (1934), descreve os dialetos de Alagoas e de Pernambuco, configurando um importante estudo dialetológico da primeira metade do século XX e servindo de base teórica para pesquisas posteriores. Em seguida, Antenor Nascentes, em sua *Divisão dialetal do Brasil* (1953), propôs a inserção do estado de Alagoas no subfalar nordestino. Décadas mais tarde, Paulino Santiago publicou *Dinâmica de uma Linguagem: o falar de Alagoas* (1977), aprofundando a análise das especificidades linguísticas locais. Por fim, entre os trabalhos acadêmicos de maior fôlego, como monografias, artigos, dissertações e teses com recorte espaciotemporal, destaca-se a tese de doutorado de Barbosa-Dorion (2017), que resultou na elaboração do *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas* (ALEAL), composto por dois volumes. Esse estudo aplica o Questionário do Projeto ALiB em 21 municípios alagoanos e na capital, Maceió, abrangendo a rede de pontos originalmente demarcada por Nascentes (1953).

O *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas* (ALEAL) é composto por uma rede de pontos distribuída em 21 localidades alagoanas, incluindo a capital, Maceió. Dessa rede, esta pesquisa abrange também os pontos 1 (Delmiro Gouveia) e 4 (Piranhas) da rede do ALEAL. Os informantes do *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas* (ALEAL) e os desta pesquisa compartilham características sociolinguísticas semelhantes: todos residem em Alagoas e possuem nível de escolaridade correspondente ao ensino fundamental completo ou incompleto, havendo também participantes analfabetos. Há, igualmente, convergência quanto à seleção das perguntas: nesta pesquisa, foram consideradas as oito questões do campo semântico “Religião e Crenças”, enquanto o ALEAL contemplou seis delas, conforme o *Questionário do Projeto ALiB* (2001).

Dessa forma, adotamos fundamentos teórico-metodológicos da Geolinguística em nível descritivo-interpretativo e, parcialmente, comparativo, uma vez que o estudo se dedica ao tratamento sistemático das formas linguísticas em seu espaço geográfico, reconhecendo, ainda, a relevância do ALEAL como investigação precedente que também se baseia no *Questionário Semântico-Lexical* (QSL) do Projeto ALiB.

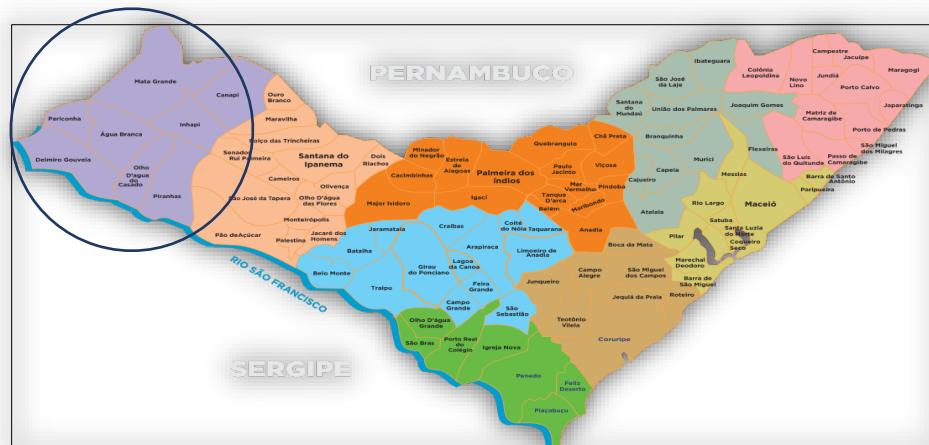
LÓCUS DA PESQUISA: O ALTO SERTÃO ALAGOANO

Este estudo, recorte da monografia *Variantes lexicais no campo de crenças e religiosidade no Sertão Alagoano*, defendida em 2022 no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, ainda que apresente objetivos mais delimitados que os do ALEAL, distingue-se por enfatizar a variável *religiosidade* em uma zona geográfica homogênea, tomando-a como elemento fundamental para o tratamento da variação sociolinguística no Alto Sertão Alagoano.

A rede de pontos abrange duas microrregiões: a *Serrana do Sertão Alagoano*, que compreende os municípios de Água Branca, Canapi, Inhapi, Mata Grande e Pariconha; e a *Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco*, formada pelos municípios de Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado e Piranhas, estes três últimos banhados pelo Rio São Francisco. A macrorregião do *Alto Sertão Alagoano* é composta por oito municípios, totalizando uma área de 3.972,685 km² (IBGE, 2021).

Segundo o Censo IBGE 2022, o Alto Sertão Alagoano possui 166.888 habitantes. A região apresentou uma redução populacional em relação aos 169.119 habitantes registrados em 2010. A região conta com um IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) inferior ao do Brasil, com o maior (0,612) no município de Delmiro Gouveia, ficando à frente de todos os outros municípios, com Inhapi em última posição (0,484) em relação ao IDH nacional, que é 0,755. Quanto à educação, a população residente do Alto Sertão que nunca frequentou escola é 30.313 pessoas (IBGE, 2010). Geograficamente, os municípios de Mata Grande e Água Branca são os maiores em extensão, conforme observamos na Figura 1.

Figura 1 – Mapa político do Estado de Alagoas, com destaque para a microrregião do Alto Sertão Alagoano, em cor roxa



Fonte: SEADES (2022).

O município de Delmiro Gouveia configura-se como cidade-polo para os municípios circunvizinhos de Água Branca, Canapi, Inhapi, Mata Grande, Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas. Ao mesmo tempo, situa-se na divisa com o município de Paulo Afonso, no estado da Bahia, que, por sua vez, exerce também a função de polo regional sobre Delmiro Gouveia.

O clima, quente e úmido em quase todo o Sertão Alagoano, apresenta falta de chuva ou estiagem, solo pedregoso e vegetação escassa (caatinga), caracterizado como semiárido, por sua baixa umidade e pouco volume pluviométrico, como assinala Teodoro-Santos (2019, p. 37-38), o que historicamente propiciou o êxodo rural de sertanejos/as por questões tanto climáticas quanto socioeconômicas. Contudo, não se pode cristalizar e homogeneizar esse fator climático a toda a região em tela. A região serrana do Alto Sertão Alagoano, por exemplo, é palco para o Festival de Inverno de Água Branca, devido às baixas temperaturas nos meses de maio a julho.

O Alto Sertão Alagoano apresenta expressivo potencial para o desenvolvimento de atividades vinculadas ao meio rural, dispondo de amplas áreas favoráveis à produção agropecuária. No setor pecuário, destaca-se a criação de bovinos, que constitui o principal eixo econômico da região, seguida pela criação de caprinos, equinos, galináceos, ovinos e suínos, além da produção de mel de abelha. Aproximadamente metade dos municípios da região também investe em atividades de aquicultura, o que diversifica a base produtiva local. No campo da agricultura, sobressaem-se, entre as culturas permanentes, a manga, a goiaba, a banana, o mamão e o caju; já entre as culturas temporárias, destacam-se o feijão, o milho, a melancia, o tomate, a mandioca e a cana-de-açúcar.

Em termos linguísticos, todos da região do Alto Sertão Alagoano falam português brasileiro. Há diversas comunidades

quilombolas, aldeias de diferentes etnias indígenas, zona pesqueira, zona urbana e zona rural. O Quadro 1 descreve dados do Censo Demográfico IBGE de 2010 para contextualizar quanto à diversidade étnico-racial do Alto Sertão Alagoano.

Tabela 1 – Distribuição étnico-racial por municípios do Alto Sertão Alagoano

MUNICÍPIOS	COR E RAÇA				
	AMARELA	BRANCA	INDÍGENA	PARDA	PRETA
Água Branca	153	3.460	271	13.843	1.650
Canapi	167	5.422		11.048	614
Delmiro Gouveia	274	12.518	114	32.408	2.782
Inhapi	441	4.167	373	12.108	809
Mata Grande	120	6.276	132	17.027	1.143
Olho d'Água do Casado	26	1.920	4	6.313	228
Pariconha	89	1.621	3.223	4.989	342
Piranhas	230	4.998	47	16.469	1.302
TOTAL	1.500	40.382	4.164	114.205	8.870

Fonte: Elaborada pelos autores (2025), com base em dados do IBGE (2010).

Os dados apresentados no Quadro 1, com base no Censo do IBGE (2010), oferecem um panorama da distribuição étnico-racial nos municípios do Alto Sertão Alagoano. Observa-se uma predominância de autodeclarações como pardos em todas as localidades analisadas, totalizando 114.205 indivíduos. Essa maioria reflete uma identidade racial miscigenada, característica recorrente das regiões nordestinas, cuja formação populacional resulta da confluência histórica de matrizes indígenas, africanas e europeias. Em segundo lugar, encontra-se a população branca, composta por 40.382 pessoas, seguida pela população negra, com 8.870 indivíduos, o que evidencia a continuidade de traços culturais e étnicos vinculados à diáspora africana. A presença indígena, embora numericamente menor, revela-se expressiva em municípios como Pariconha, onde o contingente chega a 3.223 pessoas, demarcando a resistência e a vitalidade de tradições étnicas.

originárias. Já a população amarela registra o menor número da região, com 1.500 indivíduos.

Essa ascendência, remontando ao período colonial, é marcada por julgamentos depreciativos que deram origem a práticas de preconceito e intolerância racial e, não raramente, religiosa. Além da heterogeneidade étnico-racial, a região do Alto Sertão Alagoano também se caracteriza por uma expressiva diversidade religiosa, como evidencia a Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição das religiões por município do Alto Sertão Alagoano

MUNICÍPIO/ RELIGIÃO	Sem religião	Católica Romana	Católica Brasileira	Evangélica	Espírita	Testemunha de Jeová	Candomblé	Não pertencimento	Não sabe	Outras religirosidade
Água Branca	387	18.344		627	5					14
Canapi	544	15.024	616	966	5	40				55
Delmiro Gouveia	3.015	39.146		5.424	208	31			70	92
Inhapi	464	16.521	21	812	5	19	4	11		45
Mata Grande	604	22.964		1.119						X
Olho D'Água do Casado	263	7.869		329	9	20				
Pariconha	243	9.615		327						36
Piranhas	959	20.530		1.185	89	220		37		26
TOTAL	6.479	150.01 3	637	10.789	321	341	4	48	70	227

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em dados do IBGE (2010).

Os dados apresentados na Tabela 2 revelam a filiação religiosa dos indivíduos nos municípios do Alto Sertão Alagoano. Observa-se, como esperado, a predominância significativa da religião Católica Apostólica Romana, que reúne 150.013 adeptos e se consolida como a principal identidade religiosa em todas as localidades analisadas. Mesmo assim, em perspectiva, essa foi a tendência estadual em Alagoas, para população de 10 anos ou mais, tomando os dados dos dois últimos Censos demográficos (2010 e 2022):

Tabela 3 - Contexto Religioso para o estado de Alagoas

GRANDE GRUPO RELIGIOSO	PERCENTUAL EM 2010	PERCENTUAL EM 2022	VARIAÇÃO (P.P.)
Católica Romana	72,6%	64,2%	-8,4
Evangélica	15,7%	22,9%	+7,2
Sem Religião	9,45%	9,31%	-0,14
Umbanda e Candomblé	0,08%	0,40%	+0,32

Fonte: IBGE (2022).

O Alto Sertão Alagoano provavelmente reflete essas mudanças, com a Católica Romana mantendo a maioria, mas com uma presença significativamente maior da população Evangélica e de pessoas que se declaram Sem Religião em comparação com 2010.

O número de indivíduos que se declarou *sem religião* foi de 6.479, o que evidencia uma diversidade de posicionamentos diante da espiritualidade, além de sugerir certo afastamento gradual de tradições religiosas institucionalizadas. Outros grupos, como Testemunhas de Jeová (341), Espiritismo (321) e “outras religiosidades” (227), apresentam menor quantitativo, mas confirmam uma pluralidade religiosa discreta, mas significativa, na região.

Entre essas últimas, destacam-se 11 pessoas autodeclaradas de tradição indígena, pertencentes às etnias Katokinn, Karuazu e Geripancó, situadas no território de Pariconha. Já as práticas religiosas de matriz africana, como o Candomblé, contam com representação autodeclarada mínima (apenas 4 registros), o que sugere uma presença residual ou de caráter reservado dessas manifestações culturais.

Em síntese, o quadro indica que, mesmo que a tradição católica ainda exerça influência majoritária, há sinais de diversificação religiosa e de formas de religiosidade menos institucionalizadas, revelando nuances nas escolhas espirituais e nas práticas de fé que compõem o panorama cultural do Alto Sertão Alagoano.

RELIGIÕES E RELIGIOSIDADE DO POVO SERTANEJO

Segundo Benatte (2014, p. 65), entende-se por religião “um sistema mais ou menos aberto de crenças e práticas transmitidas historicamente [...] e que orientam comportamentos, ações e relações de indivíduos e coletividades”, compondo, assim, “estilos de vida, modos de pensar, sentir e agir, de conceber a vida, o mundo, a morte e o além”.

A religiosidade, por sua vez, relaciona-se a aspectos como devoção, crença e conduta moral, constituindo-se como uma qualidade inerente ao indivíduo ou a um grupo no modo como enfrentam os fenômenos da existência. Entre as características mais notórias do povo sertanejo destacam-se a fé e a resiliência, elementos que se entrelaçam na construção de um ***ethos*** coletivo profundamente marcado pela espiritualidade.

Essa religiosidade sertaneja, ou nordestina, pode ser compreendida como arquetípica, na medida em que se manifesta de forma constante e simbólica: a fé do sertanejo-religioso, centrada no Deus de tradição judaico-cristã, traduz-se em práticas de peregrinação, devoção e escuta das pregações religiosas. No espaço sagrado igreja, a fé espiritual é cultivada e reafirmada, configurando um lugar de comunhão, esperança e resistência diante das adversidades do cotidiano.

A hegemonia das igrejas protestantes e católicas nos espaços sertanejos, enquanto lugares de culto e sociabilidade, evidencia que tais ambientes foram historicamente concebidos para atender às práticas do cristianismo, em detrimento de outras expressões religiosas, como as de matriz africana e as de fé indígena. Essa exclusão simbólica e espacial reflete a difusão desigual dessas tradições, tanto nos meios de comunicação quanto nas dinâmicas culturais urbanas e rurais, como festas públicas e eventos religiosos.

Tal cenário demarca uma hierarquia religiosa, na qual o cristianismo, sobretudo em suas vertentes católica e evangélica, ocupa posição de prestígio social, o que leva a inferir formas sutis e persistentes de preconceito contra minorias religiosas marginalizadas. Essa desigualdade se deve, em grande parte, à influência histórica do culto cristão e à visibilidade midiática que ele mantém nas representações hegemônicas da fé e da cultura popular.

Nesse contexto, os devotos sertanejos, em suas práticas de fé, formulam pedidos, cumprem promessas e agradecem pelos milagres recebidos e porvir. Toda essa devoção constitui um espaço de religiosidade popular, que, conforme Rosendahl (2013, p. 215), representa “um lugar, um itinerário que, por razões religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Portanto, os espaços sertanejos historicamente não conferem voz nem visibilidade às religiões e religiosidades de matriz africana e indígena, o que constitui um reflexo direto do legado colonial europeu, responsável por subjugar os povos originários e o povo negro escravizado. As religiões minoritárias continuam a enfrentar intensa intolerância religiosa, fenômeno intrinsecamente vinculado ao racismo estrutural e à falta de conhecimento e de informação sobre essas tradições espirituais, frequentemente demonizadas ou marginalizadas no imaginário social.

Nesse sentido, a valorização e o respeito às diferenças religiosas emergem, neste estudo, como eixo ético e analítico fundamental, especialmente na seleção da variável “orientação religiosa” entre os sujeitos da pesquisa. Tal escolha permite debater a diversidade sociolinguística e, ao mesmo tempo, contribuir para o enfrentamento do preconceito e para a promoção do convívio pacífico entre as diversas crenças e expressões de fé,

princípio assegurado pela Constituição Federal de 1988, que consagra a igualdade de todos perante a lei.

Com base nessas considerações sobre a diversidade religiosa e os desafios de representação das crenças no contexto sertanejo, passamos à exposição dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. A descrição das etapas de coleta, seleção e análise dos dados permitirá compreender de que modo a dimensão sociocultural e religiosa foi incorporada ao estudo geolinguístico do campo semântico *crenças e religiosidade* no Alto Sertão Alagoano.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Integram a amostra 24 informantes, todos naturais das oito localidades que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB. A seleção dos participantes seguiu os critérios metodológicos adotados pelo próprio Projeto ALiB, respeitando princípios de representatividade linguística e social.

A amostra foi constituída conforme os pressupostos da Teoria da Amostragem (GIL, 2008), tendo como universo de referência a população do Alto Sertão Alagoano, que contava, segundo o IBGE (2010), com 169.121 habitantes. A partir dessa população, definiram-se os seguintes critérios de inclusão:

- ser nativo da localidade onde reside e filho de pais da região linguística em estudo (com exceção das cidades de formação mais recente);
- possuir idade igual ou superior a 50 anos;
- ser analfabeto ou ter escolaridade até o ensino fundamental (completo ou incompleto).

Além dos parâmetros sociolinguísticos, foram consideradas as variáveis sociais sexo e orientação religiosa. As confissões religiosas contempladas na pesquisa incluem o catolicismo, o

protestantismo, o espiritismo, as religiões de matriz africana e as religiões indígenas, além de indivíduos sem filiação religiosa ou ateus.

Para cada religião, foram selecionados quatro informantes (dois homens e duas mulheres), identificados por letras do alfabeto conforme o quadro a seguir. Essa organização permitiu equilibrar a representatividade entre os grupos e observar a possível correlação entre práticas linguísticas e crenças religiosas no contexto do Alto Sertão Alagoano.

Quadro 1 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa por variáveis sociais

RELIGIÃO/SEXO	HOMEM 1	HOMEM 2	MULHER 1	MULHER 2
CATÓLICA	A	B	C	D
PROTESTANTE	E	F	G	H
ESPÍRITA	I	J	K	L
MATRIZ AFRICANA	M	N	O	P
ALDEIA INDÍGENA	Q	R	S	T
NÃO RELIGIOSA/ATEIA	U	V	W	X

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

14

Para a composição desta pesquisa, foi necessário selecionar os informantes dentro das categorias religiosas apresentadas no quadro anterior, respeitando simultaneamente os critérios de inclusão da amostra e aqueles preconizados pelo Projeto ALiB. Embora o objetivo deste estudo não inclua a análise comparativa de diferentes faixas etárias, reconhece-se que “[...] a linguagem de indivíduos pode apresentar marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária e como a utilização do léxico se revela indicativo do grupo etário a que se vincula o falante” (PAIM, 2014, p. 1).

Além disso, conforme Calvet (2002, p. 111), existem

[...] três parâmetros: um parâmetro social, um parâmetro geográfico e um parâmetro histórico, e a língua conhece variações nesses três eixos: variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais), variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias).

Dessa forma, os dados coletados consistem em respostas estruturadas em vocábulos e itens lexicais, produtos de um contexto social específico e de práticas linguísticas significativas na região do Alto Sertão Alagoano. A amostra abrange tanto a zona urbana quanto a zona rural, sendo composta por quatro informantes por religião (dois homens e duas mulheres) todos com idade igual ou superior a 50 anos.

Conforme Mota e Cardoso (2006), pesquisas de cunho dialetal se organizam a partir de uma rede de pontos, informantes e questionários. O Projeto ALiB propõe três tipos de questionários, que permitem a coleta de diferentes níveis de análise linguística: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), composto por 159 questões, incluindo aspectos de prosódia; o Questionário Semântico-Lexical (QSL), contendo 202 perguntas distribuídas em 14 campos semânticos; e o Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas, além de questões de pragmática, tópicos para discursos semidirigidos, perguntas metalingüísticas e textos para leitura.

Nesta pesquisa de campo, trabalhamos exclusivamente com o QSL, focando no campo semântico-lexical “Religião e Crenças”, composto por oito questões, selecionadas para explorar as práticas e concepções religiosas dos informantes no Alto Sertão Alagoano. Os autores procederam à visita in loco com o seguinte material: duas fichas, Ficha da Localidade e Ficha do Informante, além de cópia impressa das oito questões do campo *Religiões e Crenças* do Questionário Semântico-Lexical (QSL), contendo oito questões e uma questão para completar. Seguem as questões:

- 147. DIABO - Deus está no céu e no inferno está _____.
- 148. FANTASMA - O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?
- 149. FEITIÇO - O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

- 150. AMULETO - Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?
- 151. BENZEDEIRA - Como se chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?
- 152. CURANDEIRO - Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?
- 153. MEDALHA - Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?
- 154. PRESÉPIO - No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?

RELATO DA PESQUISA DE CAMPO

Esta pesquisa seguiu a metodologia dos estudos geolinguísticos preconizada pelo projeto ALiB (Comitê, 2001; Projeto, 2025). Os dados foram selecionados via pesquisa de campo, aplicada numa rede de pontos que compreende cinco municípios do Alto Sertão Alagoano: Água Branca, Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Inhapi e Piranhas.

A aplicação do questionário do ALiB (Comitê, 2001, p. 33-34) possibilitou, como produto, a listagem de variantes lexicais do campo Religião e Crenças, assim, retratar a realidade sociolinguística local. A amostra foi composta por vinte e quatro sujeitos, distribuídos por critérios sociogeográficos. Essas pessoas eram pertencentes às comunidades religiosas católica, protestante, espírita, de matriz africana e indígena, e por sujeitos autodeclarados não religiosos. De cada um desses seis grupos, foram entrevistados quatro pessoas com naturalidade do Sertão Alagoano: dois homens e duas mulheres, tendo 50 anos ou mais e que declarassem ter baixa escolaridade.

A primeira entrevista ocorreu em 21 de junho de 2022 e a última dessas, em 21 de setembro de 2022, com um tempo total de gravação de cinco horas e vinte minutos. Todas essas entrevistas foram realizadas nas residências dos informantes, com a devida permissão livre e esclarecida para gravação e registro fotográfico, e, em cada uma delas, procedemos com as questões da Ficha do

Informante, que elenca dados de caráter pessoal (Comitê, 2001, p. 3-4). Após a devida certificação diante dos dados informados e da exigência dos critérios, seguia-se com a entrevista do Questionário semântico-lexical do campo Religião e Crenças (Comitê, 2001, p. 33-34), composta por oito perguntas. Ao final da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido era novamente apresentado aos informantes e assinado por ambos, pesquisadores e informante.

A distribuição dos sujeitos por ponto ficou assim disposta: Delmiro Gouveia, representante das religiões espírita e de matriz africana, com o total de oito informantes, quatro de cada religião; Água Branca, com esse mesmo quantitativo, com sujeitos de religiosidade indígena e de pessoas autodeclaradas sem religião; Olho d'Água do Casado, com a religião católica, com seus quatro informantes; Inhapi, com duas informantes protestantes de Igreja Evangélica. Para a representação dos quatro informantes protestantes, estendemos a pesquisa de campo até a cidade de Piranhas; logo, as cidades de Inhapi e Piranhas representam conjuntamente quatro informantes de religião protestante de domínio evangélico. Assim, temos ao todo 24 informantes.

Sumariamente, o quadro 2 apresenta o perfil dos sujeitos da pesquisa, com espelhado na tese de Barbosa-Doiron (2017, p. 67) para posterior cotejo.

Quadro 2 – Perfil dos/as informantes por município do Alto Sertão Alagoano

LOCALIDADE	HOMEM 1/2	IDENTIFICAÇÃ O	MULHER 1/2	IDENTIFICAÇÃ O	RELIGIÃO
Delmiro Gouveia	60 anos	E.C.S	57 anos	J.S	Espírita
	59 anos	J.E.R.S	63 anos	C.M.J	
	68 anos	O.D.C	50 anos	M.A.S	Matriz Africana (Candomblé e Umbanda)
	60 anos	A.L.S	75 anos	M.S.F	
Água Branca	67 anos	A.F.S	55 anos	H.S.C	Aldeia Indígena
	64 anos	A.B.S	85 anos	I.S.C	
	67 anos	J.G.S	70 anos	M.A.G.N	Sem religião

	77 anos	C.G.S	55 anos	M.A.S.S	
Olho d'Água do Casado	50 anos	A.M.G	64 anos	M.Z.M	Católica
	88 anos	E.V.S	73 anos	S.O.M	
Inhapi	-	-	59 anos	M.M.S	Protestantes/ Evangélicos
	-	-	75 anos	M.D.G.S	
Piranhas	59 anos	D.V.R	-	-	
	56 anos	W.V.O	-	-	

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os sujeitos da pesquisa são naturais da região, mas a grande maioria relatou migração, ao menos uma vez, dentre os próprios municípios do Sertão Alagoano, para morar ou “apenas para nascer”. Os sujeitos têm o seguinte perfil de escolaridade: cinco declararam ter cursado o ensino fundamental completo; quinze possuíam nível fundamental incompleto; quatro afirmaram ser analfabetos e apenas dois deles disseram saber “assinar o nome”.

Quanto às ocupações profissionais, grande parte se ocupa da agricultura. A maioria das mulheres entrevistadas cumpre funções de donas de casa; uma delas cumpre, além disso, o ofício de costura e bordado. As que não atuam no lar são aposentadas, exceto duas, que atuam no setor público, como auxiliares de serviços gerais, além de uma autônoma. Uma informante declarou estar desempregada. Quanto aos informantes do sexo masculino, quase metade trabalha no ramo comercial, como eletricista, técnico eletrônico e comerciante em feira livre; os demais são aposentados, exceto um, que trabalha no funcionalismo público, na função de guarda municipal.

Após transcrição integral das entrevistas, os dados foram organizados em categorias lexicais e submetidos a análise qualitativa e quantitativa. Após o registro de aspectos extralingüísticos, descrevemos e analisamos os dados que compõem o corpus da pesquisa.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram sistematicamente categorizados, com o intuito de facilitar a interpretação do corpus e de evidenciar os aspectos linguísticos e socioculturais subjacentes. Como esperado, a análise revelou que os itens lexicais refletem traços psicossociais dos falantes, permitindo observar relações entre léxico, identidade e religiosidade.

Os resultados foram confrontados com obras lexicográficas e estudos prévios sobre o campo de *Religião* e *Crenças*, confirmando e ampliando achados anteriores, como os registrados no Volume 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) e no *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas* (Barbosa-Doiron, 2017). Tal comparação contribui para o fortalecimento da discussão acadêmica sobre a variação lexical no português brasileiro contemporâneo.

Além das respostas isoladas referentes aos itens lexicais, apresentamos excertos ilustrativos e representações gráficas que expressam a quantificação e distribuição dos dados. Ao priorizar a identificação de padrões, recorrências e inovações no uso lexical local, observou-se como fenômeno linguístico e psicossocial proeminente o processo de tabuização, tema que será abordado a seguir.

TABUIZAÇÃO

O campo semântico das crenças e religiosidades, por sua natureza psicossocial, encontra-se fortemente envolto em tabus e superstições. Determinadas lexias são evitadas em razão da crença de que sua enunciação pode evocar perigos, malefícios ou forças negativas. Conforme o *Dicionário Aulete* (2022), *tabu* é definido como uma “proibição geralmente de inspiração religiosa,

de atos ou comportamentos considerados impuros ou danosos, cuja prática pode acarretar castigos de origem sobrenatural".

Esse comportamento linguístico foi notado em várias respostas e interações durante o trabalho de campo, nas quais os sujeitos demonstraram orientar suas percepções e atitudes diante de conceitos transcendentais segundo sua filiação religiosa.

Barbosa-Doiron (2017) também observou processos de tabuização linguística em Alagoas, entre os quais a abstenção de pronunciar nomes próprios de familiares falecidos. Essa prática dialoga com algumas questões do *Questionário Semântico-Lexical* (QSL) do Projeto ALiB (Comitê, 2001), que investigam formas de referência aos mortos e a substituição de nomes de doenças por eufemismos. Exemplos recorrentes incluem *tuberculose*, nomeada como *doença do peito, mal dos peitos, queixa do peito, doença ruim, magra, tísica* ou *seca*, e *câncer*, referido como *doença ruim* ou simplesmente *CA*.

Outra categoria recorrente refere-se a designações de seres malignos, como *diabo*, substituído por eufemismos e circunlóquios: *adversário, demônio, diacho, satanás, cão, capeta, inimigo, anjo rebelde, mafarrico*, entre outros. Dentre esses nomes registrados por Barbosa-Doiron (2017), cinco foram igualmente atestados em nossa pesquisa de campo: *demônio, satanás, cão, capeta* e *inimigo*, além de estruturas compostas do tipo [*anjo + adjetivo*], como *anjo caído* e *anjo decaído*.

Constatou-se também recusa ou hesitação por parte de alguns informantes diante da pergunta 147: "*Deus está no céu, no inferno está ____*" (Comitê, 2001, p. 33), evidenciando a força do interdito linguístico.

No caso da lexia-padrão *Diabo*, verificou-se o uso expressivo de sinônimos, eufemismos e circunlóquios como estratégias de evitação. O informante Q, de tradição indígena, afirmou: "São nomes meio estranhos, uns nomes que não agradam muito; parece

que eles não são muito favoráveis, não." Ainda que se tenham registrado 29 variantes lexicais para o mesmo conceito — abrangendo e expandindo as formas genéricas *diabo*, *satanás*, *demônio* e *Lúcifer* —, houve casos de silêncio deliberado e interdição do diálogo, como o de um informante que se recusou a fornecer qualquer designação, e outros que omitiram o termo por desconforto ou receio espiritual.

Conforme o informante F:

A gente tem uma forma de falar diferente, não pronuncia palavras vãs, assim, não pronuncia palavras que não convém, que sabe que não é agradável a Deus. Nós temos um temor a Deus, temos um sentimento que é de dentro da gente, que quando a gente passa a andar nesse caminho a gente passa a ter um temor a Deus. O homem quando tem um temor a Deus, sempre ele vai tá atento a não fazer coisas que não venham a agradar ao Deus (Inf. F).

Essa fala evidencia uma prática de espiritualidade enraizada em um constructo de crença religiosa, em que o *temor a Deus* atua como princípio regulador das condutas e, por extensão, das escolhas lexicais. A autocensura na fala e a evitação de determinadas palavras não apenas refletem a internalização de valores morais e espirituais, mas também indicam a influência de normas religiosas na estruturação simbólica da linguagem.

Seguem excertos de diálogos realizados com outros quatro sujeitos da pesquisa:

1. INF. L – Muita gente às vezes chama, eu não, Lúcifer, besta fera, o cão, satanás; sempre eu ouço assim, mas eu não uso a chamar.

2. INF. R – Tem isso aí é, Ave Maria! Com esse bicho, chama cão.

3. INF. E – No inferno quem tá é o satanás, eu acho, que Deus não tá lá. Deus tá no céu.

INQ. – Chama por outros nomes?

INF. E – Chama de vários nomes, só que eu mesmo não chamo nenhum. Só chamo por Deus. Agora, quem quiser chamar pode chamar à vontade.

INQ. – Qual o nome que o senhor disse?

INF.E – Satanás.

INQ. – Além de satanás, o senhor já ouviu chamar por outros nomes?

INF. E – Ah tem outros nomes, ah tem vários.

INQ. – Quais?

INF. E – Bexiga, capeta, demônio, é coisas que o católico chama, né, até o crente pode chamar, depende a alteração dele. Só que eu não. Se eu não chamar por Deus, por outro não vou chamar, chamar por quem me ajuda.

4. INF. X – O cão.

INQ. – A senhora chama por outros nomes?

INF. X – Não, eu num chamo nome não, eu num gosto não.

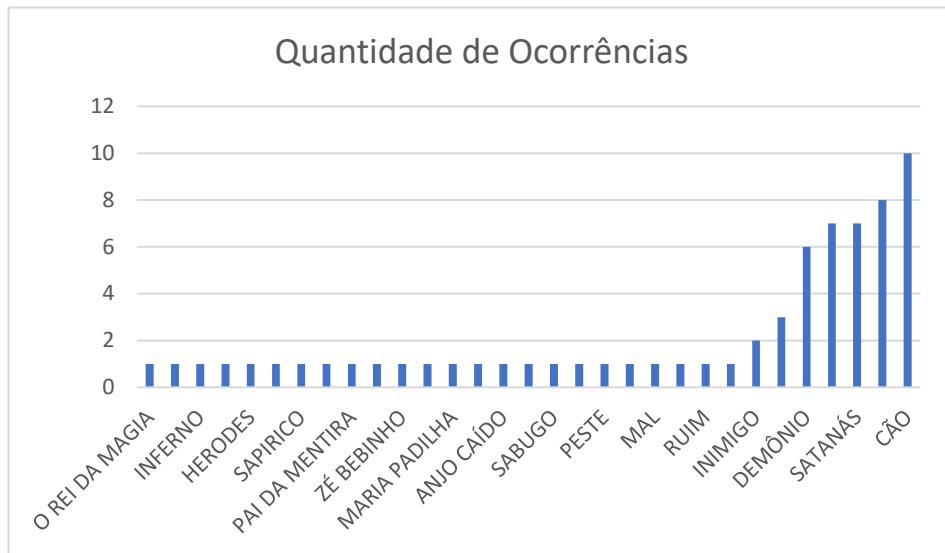
INQ. – Qual o nome que a senhora não gosta?

INF. X – Esses nomes muito forte eu num digo não. Ainda diabo eu ainda digo, mas nunca mais disse não.

Esses excertos revelam que, para além das lexias propriamente ditas, a pesquisa evidenciou aspectos da visão de mundo do sertanejo, nordestino e brasileiro, em suas relações entre língua, crença e religiosidade. Nota-se que o léxico religioso, permeado por crenças e valores espirituais, é também um espelho de comportamentos sociais, de práticas devocionais e de formas de censura linguística motivadas pelo temor sagrado.

Os dados que compõem o corpus desta pesquisa são, portanto, as lexias coletadas durante as entrevistas, com ênfase na pergunta 147 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) – “Deus está no céu, e no inferno está ____?”. Buscou-se identificar as variantes lexicais referentes à entidade associada ao ‘mal’, em contraponto a Deus. Foram registradas 31 variantes, representadas no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Variantes e quantidade de ocorrências para o item DIABO (Pergunta 147 do QSL/ALib)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os dados apresentados no Gráfico 1 ilustram as diferentes formas de nomear a figura do Diabo e as respectivas frequências de ocorrência. A distribuição das denominações evidencia a diversidade lexical associada a essa entidade, revelando tanto variações de uso quanto marcas de influência religiosa e cultural. Observa-se que os termos “Cão”, com 10 ocorrências, e “Lúcifer”, com 8 ocorrências, são os mais recorrentes, seguidos de “Satanás” e “Diabo”, ambos com 7 menções, e de “Demônio”, com 6 ocorrências. Essas variantes refletem usos consagrados tanto no âmbito popular quanto no religioso, denotando a permanência de um imaginário coletivo sobre o mal, ancorado em tradições cristãs e práticas devocionais.

O Quadro 3, a seguir, apresenta a distribuição dessas unidades léxicas conforme as vertentes religiosas dos informantes, permitindo observar possíveis correlações entre orientação religiosa e escolha lexical.

Quadro 3 – Itens lexicais por instituição religiosa para a pergunta 147 do QSL (Diabo)

ITEM DO QUESTIONÁRIO	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 147 – DIABO	3 Cão	4 Satanás	4 Satanás
	3 Satanás	2 Diabo	3 Demônio
	2 Diabo	2 Demônio	2 Cão
	2 Demônio	1 Lúcifer	2 Lúcifer
	1 Lúcifer	1 capeta	4 Outros
	2 Outros	4 Outros	-
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	4 Lúcifer	2 Cão	3 Cão
	3 Satanás	2 Demônio	2 Diabo
	1 Demônio	1 Diabo	1 Satanás
	1 Capeta	1 Capeta	4 Outros
	6 Outros	5 Outros	-

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Dentre as respostas obtidas para a pergunta 147, chama atenção o fato de que *diabo* não foi a forma mais produtiva. As variantes mais recorrentes (*Cão, Lúcifer, Satanás, Diabo, Demônio* e *Capeta*) correspondem a lexias dicionarizadas no português brasileiro, o que revela certa estabilização semântica no imaginário coletivo. As ocorrências de *Inimigo* (2) e *Inimigo das nossas almas* reiteram o antagonismo simbólico em relação ao “lado do bem”.

As demais lexias, de ocorrência única, evidenciam a riqueza sociocultural vinculada à entidade que representa o mal. Nelas, encontram-se qualificativos negativos (*Ruim, Coisa ruim, Mal, O que não presta*); referências a doenças (*Peste, Bobônica da peste, Sabugo, Bexiga*); alusões angelicais (*Anjo caído, Anjo decaído*, associadas a Lúcifer); nomes próprios genéricos (*Maria Padilha, Maria Mulambo, Zé Bebinho*); referências zoomórficas (*Besta fera*); e relações de paternidade metafórica (*Pai da mentira*).

Um dos informantes apresentou uma variante metonímica, *Inferno*, que designa o lugar de residência da entidade. Foram também registradas lexias não dicionarizadas, como *Surutaro* e

Sapirico, de caráter exótico, além de personificações bíblicas: *Abel*, equivocadamente citado como aquele que matou Caim, e *Herodes*, identificado como o rei da Judeia no episódio evangélico do julgamento de Jesus. Já a lexia *Marabô* remete à entidade Exu Marabô, um dos guardiões da espiritualidade afro-brasileira, “cultuado como uma entidade de sabedoria, transformação e verdade, com a capacidade de guiar, proteger e cobrar justiça” (Erasideral, 2025).

Destaca-se ainda a resposta inicial do sujeito O (mulher adepta de religião de matriz africana), que indicou *Espiritismo* como primeira associação ao conceito, atribuindo à denominação espírita um valor negativo, de oposição simbólica. Na mesma entrevista, a informante qualificou a entidade como sendo “de esquerda”, o que vincula a representação do mal a um eixo político-partidário. Já o sujeito M (homem com crença de matriz africana) registrou, em sua quinta resposta, *O Rei da Magia*, também associada ao mal.

Como observação final, nota-se a não produtividade da lexia *cramunhão* ao longo das entrevistas, o que chama atenção por se tratar de um termo amplamente divulgado durante a exibição da novela *Pantanal* (Rede Globo, 2022).

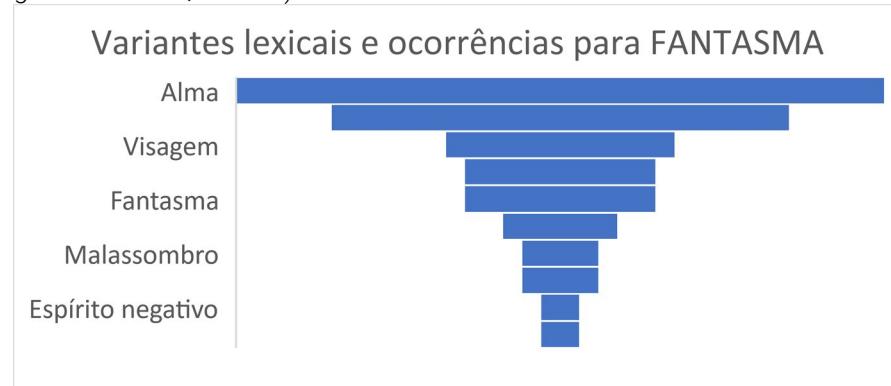
Em relação à variável diatópica, o município de Delmiro Gouveia apresentou maior diversidade de variantes lexicais. No tocante à variável sexo, os homens forneceram maior número de formas para o conceito em análise.

O QUE DIZEM OS DADOS?

Para a pergunta 148 do QSL, “O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?”, buscou-se identificar as variantes lexicais relacionadas a uma entidade fantasmagórica. As respostas, alinhadas ao sentimento de “terror causado pela aparição de fenômeno inexplicável ou sobrenatural, como fantasmas etc.”

(Aulete, 2022), resultaram em 10 variantes, apresentadas no Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 – Variantes e quantidade de ocorrências para o item FANTASMA (Pergunta 148 do QSL/ALib)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os dados apresentados no Gráfico 2 ilustram a frequência de nomeação para a figuras fantasmagóricas. Já o Quadro 4 especifica as unidades léxicas por vertente religiosa para os dados desse gráfico.

26

Quadro 4 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 148

ITENS-QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QLS 148 – FANTASM A	3 Alma	2 Alma	2 Alma
	1 Fantasma	2 Assombração	2 Vulto
	2 Outros	1 Fantasma	1 Assombração
	-	1 Visagem	1 Visagem
	-	1 Vulto	4 Outros
	-	3 Outros	-
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Alma	4 Alma	3 Alma
	2 Visagem	1 Fantasma	1 Fantasma
	1 Fantasma	1 Visagem	1 Visagem

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Todas as lexias selecionadas encontram-se dicionarizadas no português brasileiro (PB). Chama atenção o fato de a forma

mais produtiva para o conceito não ter sido *Fantasma*, que apresentou apenas cinco ocorrências, mas *Alma* (17) e *Espírito* (12). Ambas as lexias estiveram presentes em todos os municípios investigados e foram registradas entre sujeitos de todas as denominações religiosas, o que indica uma ampla difusão cultural e religiosa dos dois termos.

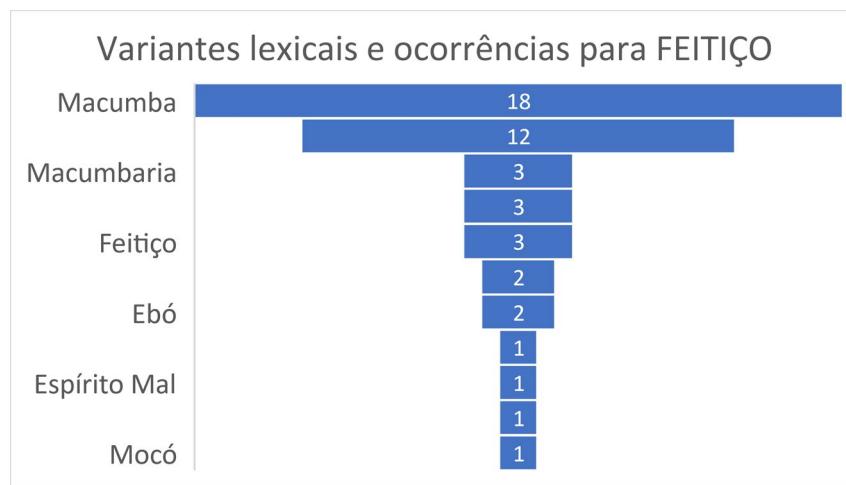
As formas *Assombração* (5), *Malassombro* (2), *Sombra* (1) e *Sombras* (1) compartilham a base nominal [sombra], sugerindo um campo semântico derivacional comum. Outras ocorrências foram *Visagem* (6), *Vulto* (3), *Espírito negativo* (1) e *Fogo corredor* (1). Esta última merece destaque por sua natureza folclórica local: encontra-se registrada no livro *Caçula*, de Alessandra Figueiredo Moreira (2017), em que o capítulo 7, intitulado “Fogo corredor”, relata uma narrativa de assombração típica do povoado Lagoinha, município de Delmiro Gouveia. Na história, após as rezas dos ofícios na casa dos avós da narradora, duas bolas de fogo são vistas deslocando-se no escuro — fenômeno que, embora onírico na narrativa, se consolida como símbolo da cultura oral sertaneja.

A lexia *Fantasma* foi registrada em todos os municípios, exceto Inhapi. Todos os participantes, religiosos e não religiosos, recorreram a ela, com exceção dos adeptos do espiritismo, o que pode indicar uma relação de afastamento terminológico em razão de conotações doutrinárias. De modo geral, *Alma* e *Espírito* foram as formas mais recorrentes em todas as localidades. Quanto à variável sexo, observou-se que os homens apresentaram maior número de variantes lexicais.

Em síntese, os dados sugerem que, embora *Fantasma* seja amplamente reconhecida, as denominações *Alma* e *Espírito* refletem a influência da religiosidade popular e do folclore regional na forma como os falantes interpretam e nomeiam manifestações sobrenaturais.

Para a pergunta 149 do QSL, “O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?”, as variantes coletadas estão associadas à feitiçaria, cujos resultados quantitativos estão dispostos no Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Variantes e quantidade de ocorrências para o item FEITIÇO
(Pergunta 149 do QSL/ALib)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os dados apresentados no Gráfico 3 ilustram a frequência de nomeação para feitiço, ao passo que o Quadro 5 especifica as unidades léxicas por vertente religiosa para os dados relativos à feitiçaria.

Quadro 5 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 149

ITEM DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 149 – FEITIÇO	4 Macumba	3 Macumba	3 Macumba
	1 Despacho	2 Macumbaria	3 Despacho
	1 Bruxaria	2 Despacho	1 Outro
	1 Outro	1 Bruxaria	-
	-	1 Outro	-
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Despacho	2 Macumba	4 Macumba
	2 Macumba	2 Despacho	1 Macumbeiro
	1 Feitiço	1 Feitiço	1 Despacho
	2 Outros	1 Bruxaria	1 Feitiço
		1 Macumbaria	1 Outro
		1 Outro	

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A lexia *feitiço* apresentou três ocorrências, sendo consideravelmente mais produtiva a forma *macumba* (18) e seus derivados *macumbaria* (3) e *macumbeiro* (1). A primeira acepção dicionarizada para *macumba* define-a como “denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais, originários do nagô, e que receberam influências de religiões africanas, ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas” (Aulete, 2022).

As oferendas, ou o ato de oferecer-las, foram designadas, ainda, pelas lexias *despacho* (12), *bruxaria* (3), *trabalho* (2) e *espírito mal* (1). Também se registraram as variantes *ebó* (2), *catimbó* (1) e *mocó* (1), todas de origem africana, recolhidas junto aos sujeitos M e P (ambos de crença de matriz africana) e aos sujeitos C e S (de tradição católica e indígena, respectivamente).

No Aulete (2022), *ebó* é definido como “oferenda a Exu, geralmente depositada em encruzilhada, por agradecimento ou convocação”, acepção que foi destacada por um dos informantes ao explicar: “Tem o ebó usado para o mal e para o bem; é também significado no português de despacho. Ebó para o bem são coisas leves, para pessoas que estão doentes ficarem sadias, abrindo caminhos para trabalho e coisas boas.”

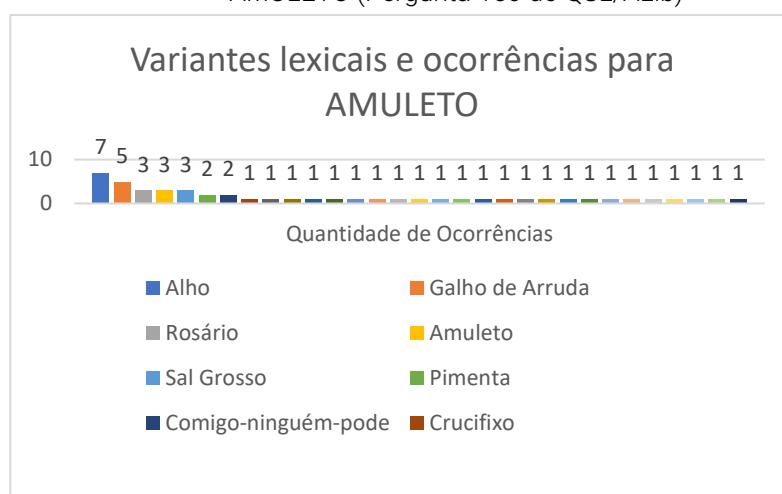
Assim, registrou-se a escolha do sujeito M (homem de matriz africana) como primeira resposta. Já *catimbó* apresenta-se como “(Bras.) catimbau; feitiçaria; espiritismo grosseiro (Nordeste, caipira)” (Aulete, 2022), enquanto *mocó* não apresentou acepção dicionarizada relacionada ao conceito investigado.

Cabe salientar que a formulação da pergunta 149 do QSL possui tendência semântica negativa, ao pressupor práticas de “prejudicar alguém” e ao relacionar o ato às “encruzilhadas” – elemento culturalmente associado às religiões afro-brasileiras. Tal estruturação pode, portanto, induzir a respostas marcadas por valores preconceituosos, derivados da própria formação sociohistórica brasileira. Não à toa, as unidades lexicais mais produtivas (*macumba* e *despacho*) foram majoritariamente fornecidas por sujeitos não pertencentes às religiões de matriz africana, o que reforça a persistência de estigmas linguísticos e simbólicos associados à herança afro-religiosa. Quanto à variável sexo, os homens apresentaram maior diversidade de variantes lexicais.

Já a pergunta 150 do QSL, “Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?”, por sua vez, reúne respostas relacionadas ao campo semântico de *amuleto*, apresentadas e discutidas na seção seguinte.

30

Gráfico 4 – Variantes e quantidade de ocorrências para o item AMULETO (Pergunta 150 do QSL/ALib)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nem todas as respostas dadas à pergunta 150 correspondem ao mesmo valor de verdade para o referente **amuleto**, uma vez que o conceito de *variante lexical* pressupõe formas alternativas para designar o mesmo referente, em igual contexto e com idêntico valor semântico. No presente caso, esse valor de verdade se altera, pois alguns itens observados – como **alho** e **arruda**, por exemplo – referem-se a tipos específicos de amuletos, e não ao conceito genérico de **amuleto** enquanto objeto utilizado para atrair sorte ou oferecer proteção espiritual.

O gráfico 4 apresenta a frequência para amuletos, isto é, objetos considerados capazes de proporcionar proteção, sorte ou afastar energias negativas. Os dados revelam a diversidade de crenças e práticas culturais associadas à utilização desses elementos. Como principais resultados, destacam-se as lexias **alho** (7 ocorrências) e **galho de arruda** (5 ocorrências) como as mais produtivas do corpus, evidenciando a forte crença popular nesses itens como agentes de purificação espiritual e de defesa contra o mau-olhado, a inveja e outras energias negativas. **Sal grosso**, **rosário** e o termo genérico **amuleto** aparecem com três registros cada, demonstrando a coexistência de elementos religiosos e de práticas populares na construção simbólica desses objetos. As lexias **pimenta** e **comigo-ninguém-pode** apresentam duas ocorrências cada, ao passo que uma ampla variedade de itens ocorreu apenas uma vez no corpus, incluindo símbolos religiosos (**crucifixo**, **oração**, **santinho**), elementos naturais (**manjericão**, **pinhão-roxo**, **flores**) e objetos culturais (**patuá**, **talismã**, **moeda**, **espelho**).

Essa variedade lexical reflete a multiplicidade de referências espirituais e de superstições envolvidas na concepção dos amuletos, os quais se encontram profundamente enraizados na cultura brasileira e em diferentes tradições religiosas. A presença de itens como **patuá**, **talismã** e **espelho** evidencia, ainda, a influência de matrizes afro-brasileiras e europeias, o que reforça o fenômeno

do sincretismo religioso característico da religiosidade popular contemporânea. Quanto à variável sexo, as mulheres demonstraram maior diversidade de variantes lexicais. O quadro 6, a seguir, especifica as unidades léxicas registradas por vertente religiosa.

Quadro 6 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 150 (Amuleto)

ITENS DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 150 – AMULETO	-----	1 Amuleto	1 Amuleto
	11 Outros	5 Outros	11 Outros
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	1 Amuleto	-----	-----
	1 Talismã	5 Outros	5 Outros
	1 Patuá		
	3 Outros		

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

32

Identificamos que diversas formas linguísticas refletem a sócio-história do povo sertanejo nordestino. Entre as lexias selecionadas, encontram-se denominações relacionadas à flora, tais como *Alho* (7), *Galho de arruda* (1), *Arruda* (4), *Comigo-ninguém-pode* (2), *Pimenta* (2) e outras de ocorrência única: *Cabeça de frade*, *Coroa de frade*, *Manjericão*, *Pinhão-roxo*, *Flor de cravo branco*, *Açúcar com arroz cru e alho*, *Pó do amor* e *Mucunã* (objeto conhecido como *olho-de-boi*). Esta última, a semente *Mucunã*, é tradicionalmente utilizada como amuleto de proteção contra inveja e praguejo, sendo empregada na confecção de colares e pulseiras, conforme o relato do informante Q (homem de aldeia indígena), que a mencionou como segunda resposta.

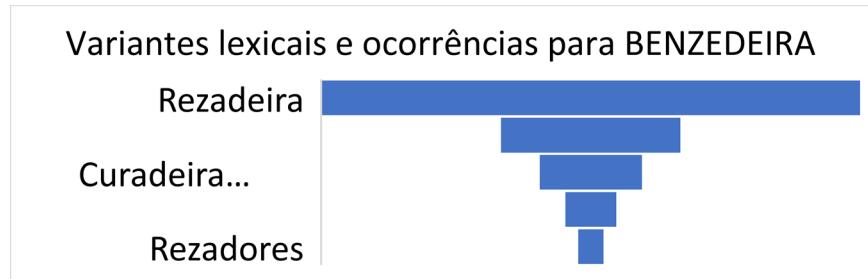
Além dessas, foram registradas outras lexias associadas ao campo semântico de amuleto, como *Rosário* (3), *Divino Espírito Santo* (1) e *Santinho* (1), todos objetos vinculados à religiosidade católica. No tocante a entidades e objetos de religiões não cristãs, houve ocorrências únicas, como *Fitinha*, *Sete Salomão*, “espécie de

talismã formado por dois triângulos sobrepostos, geralmente de metal, entrelaçados em forma de estrela de seis pontas, a que o vulgo atribui virtudes contra os malefícios” (Aulete, 2022), *Buda* e *Elefante*. Segundo o relato do sujeito C (mulher de religiosidade católica), o *elefante* representa uma divindade protetora, frequentemente colocada na entrada das residências.

Entre as ferramentas de superstição, destacam-se *sal grosso* (2) e outras lexias de ocorrência única que evidenciam a riqueza cultural e simbólica das práticas locais: *Patuá*, *Caveira*, *Talismã*, *Espelho*, *Mão de coelho*, *Sal, 1 dólar na carteira* e *Moeda*. A lexia *Patuá* merece atenção especial, sendo definida como “pequeno amuleto, geralmente um saquinho contendo oração ou relíquia; *breve*; *relíquia*” (Aulete, 2022). Chama atenção a resposta do sujeito M (homem de matriz africana), que, logo em suas primeiras respostas, relacionou *talismã* e *patuá* como termos equivalentes, nesta ordem: *Talismã*, *Patuá* e *Amuleto*. Ele explicou que “o patuá contém rezas, figas e orações para defender as pessoas do mal e afastar as coisas ruins, para que o bem permaneça protegido”.

Quanto à pergunta 151 do QSL, “Como se chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?”, esperavam-se respostas referentes à figura da agente curadora, associada à prática de curas por meio de rezas populares. As variações identificadas ao longo das entrevistas mostraram-se mínimas, como exposto no gráfico 5.

Gráfico 5 – Variantes e quantidade de ocorrências para o item AMULETO
(Pergunta 151 do QSL/ALib)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O gráfico 9 apresenta a distribuição das diferentes denominações associadas à prática da benzeção. A lexia *Rezadeira* destaca-se com 21 ocorrências, representando a maior parte das menções. Tal predominância evidencia que a benzeção é amplamente relacionada à oração e à devoção religiosa, o que reforça sua vinculação com a religiosidade popular. A lexia *Benzedeira*, por sua vez, aparece com 7 registros, denotando uma associação direta com o ofício de benzer e com o papel social desempenhado por essas agentes espirituais nas comunidades. O quadro 7, a seguir, especifica as unidades lexicais distribuídas por vertente religiosa.

34

Quadro 7 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 151

ITENS QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QLS 151 – BENZEDEIR A	3 Rezadeira	3 Benzedeira	4 Rezadeira
	2 Benzedeira	3 Rezadeira	2 Curandeira
		1 Rezadores	1 Benzedeira
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Rezadeira	4 Rezadeira	4 Rezadeira
	1 Benzedeira	1 Curandeira	1 Benzedeira
	1 Curandeira	-	-
	2 Outros	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

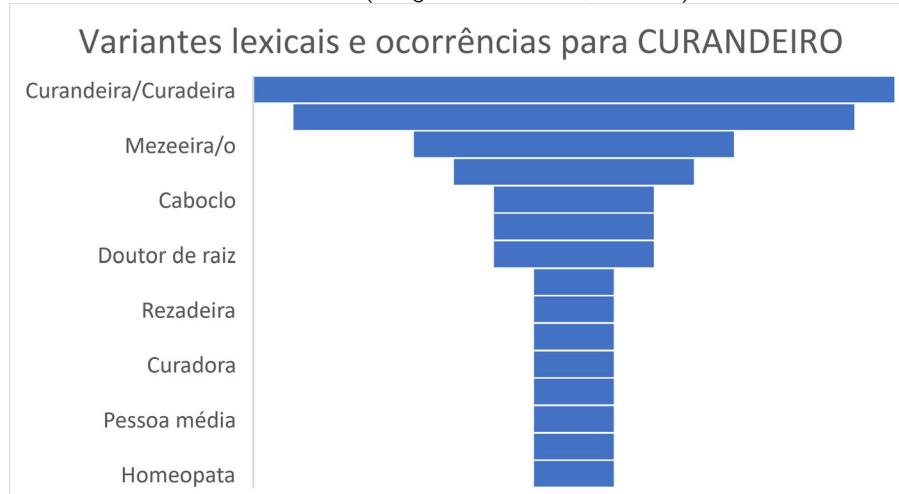
A lexia mais produtiva foi *Rezadeira* (21) / *Rezadores* (1), o que evidencia a relação com a base agentiva *aquela que reza*, expressa no próprio descritor da pergunta 151. As lexias *Benzedeira*

e *Curandeira* apresentaram, respectivamente, 9 e 4 ocorrências, enquanto as formas *Curadeira/Curandeira* (4 ocorrências) reforçam uma perspectiva mais voltada à cura e à medicina popular. Já os termos *Caboca/Caboco* (2 ocorrências) e *Rezadores* (1 ocorrência) revelam-se menos produtivos no universo investigado. As formas *Caboca* e *Caboco*, cada uma com uma ocorrência, relacionam-se a *caboclo*, definido como “7. Religião. Nome genérico dos espíritos de ancestrais indígenas brasileiros, nas religiões ou seitas afro-brasileiras” (Aulete, 2022). Quanto à variável sexo, os homens apresentaram maior variedade de formas.

A pergunta 152 do QSL, “*Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?*”, também se refere à cura de doenças, abrangendo denominações de ambos os gêneros. A diversidade lexical registrada nesta questão foi mais expressiva em comparação à observada na pergunta 151.

35

Gráfico 6 – Variantes e quantidade de ocorrências para o item CURANDEIRO (Pergunta 152 do QSL/ALib)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O gráfico 6 apresenta a distribuição das diferentes denominações associadas ao termo *Curandeiro* e suas respectivas frequências. As variantes mais recorrentes foram *Curandeira/Curadeira* (8 ocorrências) e *Curador* (7 ocorrências), o que indica que tais lexias são amplamente reconhecidas e

utilizadas para designar esse tipo de agente de cura. As formas *Mezeeiro/a* (4 ocorrências) e *Rezador* (3 ocorrências) revelam variações de natureza regional e cultural, refletindo práticas de cura que articulam fé, tradição e conhecimento empírico.

Observa-se ainda um número expressivo de denominações com ocorrência única, tais como *Pajé*, *Homeopata*, *Espirituais* e *Doutor de raiz*, o que sugere que, embora haja diversidade lexical para designar esses agentes, a maioria das formas possui uso restrito ou contextualizado, muitas vezes associado a tradições religiosas ou comunidades específicas. Mais uma vez, quanto à variável sexo, os homens apresentaram maior diversidade de variantes lexicais.

O quadro 8 a seguir especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

36

Quadro 8 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 152

ITENS QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QLS 152 – CURANDEIRO	2 Curandeiro	2 Curador	4 Curador/a
	2 Curandeira	1 Raizeiro	1 Rezador
	-	3 Outros	1 Curandeira
	-	-	5 Outros
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Curandeira	1 Rezador	1 Rezador
	1 Curador	1 Curador	1 Curandeira
	-	1 Rezadeira	1 Outro
	-	4 Outros	-

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Curandeiro/Curandeira foram as lexias mais produtivas, com 9 ocorrências, seguidas de *Curador/Curadora*, com 8 menções. *Rezador* (3), *Benzedeira* (1) e *Rezadeira* (1) evidenciam a coocorrência dos sufixos -dor(a) e -eiro(a), ambos com valor agentivo, indicando o sujeito que realiza a ação. *Mezeeiro/Mezeeira* foram registrados por quatro informantes e remetem a “qualquer remédio em geral; remédio caseiro” (Aulete, 2022), derivado do

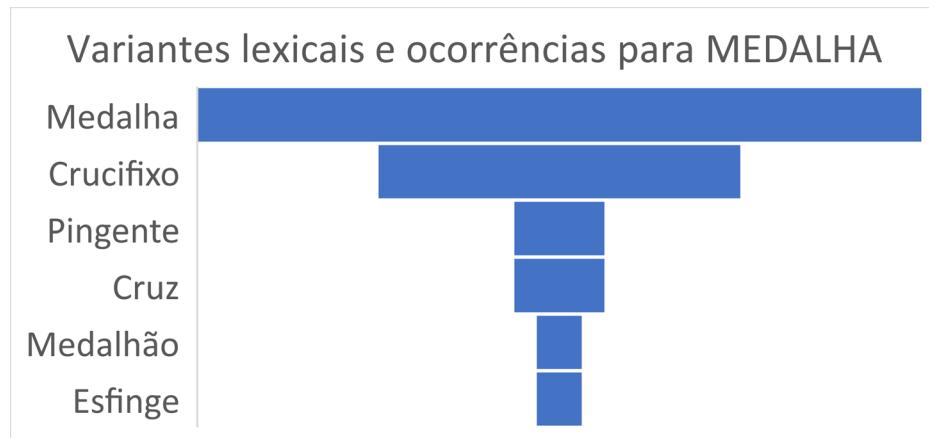
latim *medicina*. *Doutor de raiz* (2) e *Raizeiro* (1) compartilham a mesma base nominal (*raiz*), remetendo ao saber popular sobre o uso de plantas medicinais.

Assim como na pergunta anterior, *Caboclo* apresentou duas ocorrências, ambas provenientes dos sujeitos R e T, de religiosidade de matriz indígena. *Pajé* também teve duas menções (sujeitos S e T), associadas ao líder espiritual das comunidades indígenas. As demais lexias ocorreram apenas uma vez: *Homeopata*, *Médico das plantas*, *Pessoa Média* e *Espiritual*. Nota-se que alguns desses itens se vinculam diretamente a contextos religiosos específicos: nas religiões de matriz africana e nas aldeias indígenas, aparecem *Pajé*, *Caboclo* e *Cabocla*; já entre os sujeitos espíritas, surgem *Pessoa Média* (no sentido de *médium*, aquele dotado de mediunidade) e *Espiritual*.

Em síntese, a diversidade lexical observada para o referente *Curandeiro* revela uma pluralidade de concepções sobre a cura, ora associada ao saber empírico e fitoterápico, ora a práticas espirituais e religiosas. Essa variedade demonstra a convivência entre a medicina popular, a religiosidade e o sincretismo que caracterizam o universo simbólico do sertão nordestino.

Já a pergunta 153 do QSL, “Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?”, aborda um objeto de devoção popular e de expressão da religiosidade, cuja lexia mais produtiva foi *Medalha*, definida como “peça gravada (com um motivo qualquer) que se carrega presa ao pescoço ou ao pulso, como amuleto ou berloque” (Aulete, 2022). O gráfico 7 a seguir expõe os resultados da pesquisa para diferentes tipos de medalhas e objetos religiosos.

Gráfico 07 – Variantes e quantidade de ocorrências para o item MEDALHA
(Pergunta 153 do QSL/ALib)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os dados revelam a predominância da lexia *Medalha*, com 16 ocorrências, seguida pela relevância de *Crucifixo*, com 8 registros, o que denota forte vínculo com a religiosidade católica e a devoção popular. As lexias *Pingente*, *Cruz*, *Medalhão* e *Esfinge* apresentaram número reduzido de ocorrências, variando entre 1 e 2 registros, o que indica possivelmente um uso mais restrito ou individualizado. O quadro 9 a seguir especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

38

Quadro 9 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 153

ITENS QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QLS 153 – MEDA-LHA	2 Medalha	3 Medalha	1 Medalha
	2 Outros	2 Outros	1 Medalhão
	-	-	3 Outros
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Medalha	3 Medalha	4 Medalha
	3 Outros	1 Outro	2 Outros

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Não houve surpresa nas respostas mais produtivas: *Medalha* (16) / *Medalhão* (1), seguido de *Crucifixo* (8) e *Cruz* (2), *Pingente* (2) e *Efígie* (1). Esta última lexia demonstra “Representação, geralmente em relevo, da imagem de um personagem real ou imaginário ou de uma divindade” (Aulete, 2022). A presença

significativa de *Crucifixo* e *Cruz* sugere um forte contexto religioso, em certa medida, funcionando como signos de proteção espiritual e identidade cristã. Quanto à variável sexo, as mulheres apresentaram maior diversidade de formas lexicais.

Já as respostas para a pergunta 154 do QSL, “Como chamam, no Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus?”, estão listadas no gráfico 8.

Gráfico 8 – Variantes e quantidade de ocorrências para o item PRESÉPIO
(Pergunta 154 do QSL/ALib)



39

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O quadro 10 especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 10 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 154 (Presépio)

ITENS QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QLS 154 – PRESÉPIO	3 Lapinha	1 Manjedoura	1 Presépio
	1 Presépio	2 Outros	1 Manjedoura
	1 Manjedoura	-	1 Lapinha
	-	-	2 Outros
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	2 Lapinha	-	1 Presépio
	1 Presépio	2 Outros	1 Manjedoura
	1 Manjedoura	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O Gráfico 8 ilustra a distribuição das denominações referentes ao presépio. A análise aponta para a predominância das

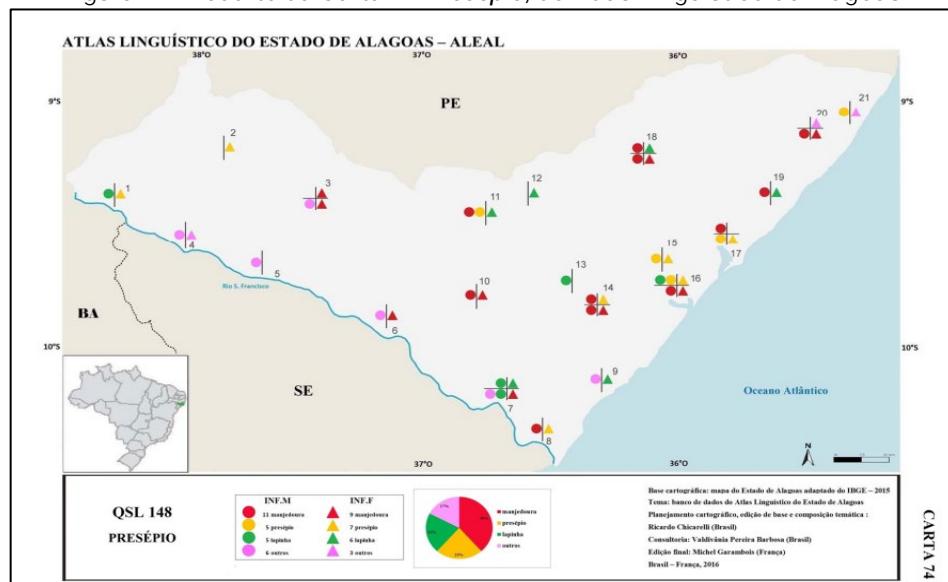
formas *Presépio* (6 ocorrências) e *Natalino* (5 ocorrências), além de *Oratório* (4) e *Capela* (2), que contrastam com as formas *Lapinha*, *Manjedoura* e *Nascimento de Cristo*, todas de ocorrência única. Esses resultados sugerem que, embora o referente seja amplamente reconhecido, a variação lexical evidencia diferenças de repertório e de uso comunitário. Quanto à variável sexo, as mulheres apresentaram maior variedade de formas.

VARIAÇÃO EM CONTRASTE: O COTEJO DOS DADOS DO ALEAL E DESTA PESQUISA

Para fins comparativos, procedeu-se à confrontação dos dados aqui obtidos com os apresentados por Barbosa-Doiron (2017) no *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas* (ALEAL), com atenção especial à rede de pontos da mesorregião do Sertão Alagoano. A Carta 74 do ALEAL, que documenta variantes do conceito *presépio* naquela rede, é apresentada a seguir como referência exemplificativa e permitirá verificar correspondências e divergências entre os repertórios locais e os registrados no ALEAL.

40

Figura 2 – Recorte da Carta 74 *Presépio*, do Atlas Linguístico de Alagoas



Fonte: Barbosa-Doiron (2017).

Comparando-se a Carta 74 de Barbosa-Doiron (2017) com a pergunta 154, observa-se que a lexia *Presépio* é a resposta esperada. Contudo, a forma mais recorrente registrada foi Manjedoura (20 ocorrências), distribuída em 12 localidades. Os demais registros e suas respectivas localidades estão sintetizados a seguir.

Quadro 12 – Quantidade de ocorrências de lexias e localidades da carta 74 do ALEAL

INFORMANTES				
MASCULINO		FEMININO		LOCALIDADES
11	Manjedoura	9	Manjedoura	12 (nenhuma no Alto Sertão)
5	Presépio	7	Presépio	9 (2 delas no Alto Sertão)
5	Lapinha	6	Lapinha	9 (1 delas no Alto Sertão)
6	Outros	3	Outros	8 (1 delas no Alto Sertão)

Fonte: Elaborado pelos autores (2025) com base em Barbosa-Doiron (2017).

No estudo de Barbosa-Doiron (2017), observou-se predominância da lexia *Presépio* no Sertão Alagoano. Em contraposição, os dados provenientes da nossa pesquisa de campo, especificamente na pergunta 154, revelaram como lexias mais produtivas: *Lapinha* (6 ocorrências), *Manjedoura* (5), *Presépio* (4), *Capela* (2), *Natalino* (2), além de *Oratório* e *Nascimento de Cristo* (1 ocorrência cada). A predominância de *Lapinha* verificou-se nas localidades de Delmiro Gouveia e Olho d'Água do Casado.

Dessa forma, ao contrastar os dados do Sertão registrados por Barbosa-Doiron (2017) com aqueles obtidos nesta investigação, observa-se que o item de maior frequência difere entre as duas pesquisas. Isso pode ser atribuído a fatores socioculturais, religiosos e geolinguísticos. Enquanto *Presépio*, predominante no ALEAL, reflete uma tradição mais institucionalizada e ligada à liturgia católica e ao uso escolar, *Lapinha*, forma mais frequente em nosso corpus, revela um léxico de caráter popular, associado à religiosidade doméstica e à oralidade sertaneja. Essa variação indica não apenas distinções

regionais, mas também processos de preservação de expressões tradicionais e de afirmação identitária nas comunidades do Alto Sertão alagoano.

UNIDADES POLILEXICAIAS: UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO CORPUS

Uma última questão a ser considerada no corpus é a ocorrência de itens lexicais com mais de uma base nominal, as unidades fraseológicas (UF). Caracterizamos a fraseologia como

[...] um fenômeno linguístico que se relaciona com todos os níveis da linguagem [...] com o objetivo de estudar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomatidez, que sejam polilexicais, ou seja, compostas por mais de um item, e que constituam a competência discursiva dos falantes (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 33).

Sendo *lexia* o termo utilizado por Pottier para designar unidades lexicais selecionadas em estudos de natureza linguística, classificáveis em simples, complexas e compostas, as UF são formações sintagmáticas constituídas por mais de um item lexical, que possuem certa estabilidade e são institucionalizadas pelo uso, conforme afirmam Paim, Sfar e Mejri (2018), com base na perspectiva de Mejri (1997). Em nossa pesquisa, algumas designações para as perguntas do QSL do ALiB se mostraram acentuadamente fraseológicas, em particular nas questões de número 147 (*Bubônica da peste, Coisa ruim, Pai da mentira, Inimigo das nossas almas, Anjo caído, Anjo decaído, Maria Mulambo, Zé Bebinho, O rei da magia*), 148 (*Mal assombração, Espírito negativo*), 149 (*Espírito mal*), 150 (*Comigo ninguém pode, Flor de cravo branco, Divino Espírito Santo, Sete Salomão, Coroa de frade*) e 152 (*Doutor de raiz*).

Findadas as discussões dos resultados da pesquisa, seguem as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentada na Dialetologia, esta pesquisa investigou o fenômeno da variação lexical no campo das crenças e religiões, a partir de dados inéditos coletados no Alto Sertão Alagoano mediante a aplicação do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALIB (Comitê, 2001). A variável extralinguística “crença religiosa” foi selecionada para análise com base em respostas de 24 informantes residentes em cinco municípios distintos, os quais se autodeclararam pertencentes a diferentes tradições religiosas – inclusive a não prática ou ausência de crença. As respostas evidenciaram aspectos da competência comunicativa, como o uso de sinônimos e eufemismos. A fala do sujeito F, por exemplo, revela a influência da conversão religiosa sobre o léxico, com a exclusão de termos considerados impróprios pela nova fé adotada.

A diversidade lexical observada, associada à religião declarada, às vivências espirituais e aos contextos socioculturais, revelou itens como *Diabo, Fantasma, Feitiço, Amuleto, Benzedeira, Curandeiro(a), Medalha* e *Presépio*. Alguns desses vocábulos apresentaram usos diferenciados entre católicos, protestantes, espíritas, adeptos de religiões de matriz africana, indígenas e pessoas sem religião. Tal constatação reforça o potencial desta pesquisa para os estudos linguísticos e antropológicos voltados à compreensão de como distintas comunidades concebem e lexicalizam o domínio do sagrado e do sobrenatural.

O nível de escolaridade, predominantemente até o Ensino Fundamental entre os sujeitos da pesquisa, mostrou exercer impacto parcial na escolha lexical. Informantes com menor escolarização demonstraram maior uso de variantes influenciadas por práticas locais, enquanto aqueles com formação completa tenderam a empregar expressões mais próximas da norma culta – tendência já atestada em outros estudos geolinguísticos.

Além disso, observou-se a escolha consciente de determinados vocábulos para evitar variantes percebidas como amaldiçoadas ou carregadas de negatividade. Esse comportamento evidencia o funcionamento da sinonímia e dos eufemismos como estratégias de nomeação e autoproteção simbólica diante de temas sagrados.

Conclui-se que o estudo reforça a relevância do respeito à diversidade linguística e cultural, bem como a indissociabilidade entre língua e cultura. Em um contexto social e político em que a religião é frequentemente instrumentalizada, torna-se essencial promover a valorização das diferenças religiosas e das identidades culturais. A educação, nesse sentido, deve incorporar tais variações linguísticas e simbólicas, fomentando políticas inclusivas que reconheçam e respeitem as múltiplas formas de expressão da fé e da linguagem no Brasil.

44

REFERÊNCIAS

AULETE Digital. **Dicionário**. Disponível em: <http://aulete.com.br/>. Acesso em: 03 nov. 2024.

BARBOSA-DOIRON, Maranúbia Pereira. **A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – Brasil; Université Grenoble Alpes – França, 2016.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. (orgs.). **Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2013.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 2001**. Londrina: EdUEL, 2001.

ERASIDERAL. **Exu Marabô: quem é, história, poderes e como fazer oferendas**. Publicado em 25 jan. 2025. Disponível em: <https://erasideral.com/matriz-africana/2025/01/25/exu-marabo->

[quem-e-historia-poderes-e-como-fazer-oferendas/](#). Acesso em: 5 nov. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOEFLER, Scott William. Igreja, catolicismo popular e religião alternativa no sertão nordestino. **Revista de Ciências Sociais**, v. 26, n. 2, 1995. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/43202/100028>. Acesso em: 03 nov. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 08 out. 2025.

MOREIRA, Alessandra Figueiredo. **Caçula**. Paulo Afonso, BA: Oxente, 2017.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. **Divisão dialetal do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1953.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação dialetral em Pernambuco. **XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina – ALFAL**, João Pessoa, PB, Brasil, 2014.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. **Nas trilhas da fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística**. Salvador: Quarteto, 2018.

PROJETO Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <http://alib.ufba.br/content/objetivos>. Acesso em: 11 out. 2025.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 466 p.

ROSENDAL, Zeny. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. **Espaço e Cultura**, [S. l.], p. 67–79, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6135>. Acesso em: 03 out. 2025.

SÁ, José Edimilson de. **Dialectologia e geolinguística: a ciência e o método.** YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/b3iOgHn6aBk>. Acesso em: 11 out. 2025.

SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. Religião e crenças: uma análise léxico-semântica dos dados do ALiB no Maranhão. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 63, número especial, p. 157–170, Salvador, 2019.

SEADES – Secretaria de Estado da Assistência e Desenvolvimento Social. **Mapa das regiões.** Maceió, 2022. Disponível em: <https://www.assistenciasocial.al.gov.br/mapas-das-regioes>. Acesso em: 02 out. 2025.

Enviado em: 06 de março de 2025
Aprovado em: 05 de novembro de 2025